

# “ABENÇOE-NOS DEUS E TODOS OS CONFINS DA TERRA O TEMERÃO”: UMA ABORDAGEM DA MISSÃO DE ISRAEL NO SALMO 67

*Heleno Guedes Montenegro Filho\**

## RESUMO

Ao se abordar o tema missionário no Antigo Testamento, Israel demonstra consciência em gozar dos privilégios e responsabilidades da aliança que Deus fez com Abraão em Gênesis 12.1-3, bem como com seu desdobramento e aprofundamento no momento de sua constituição como nação em Êxodo 19.4-6. A escolha de Israel para ser alvo da revelação da Lei e das bênçãos divinas tinha por finalidade fazer o senhorio de Javé conhecido entre todos os povos. Neste sentido, o presente artigo analisa primeiramente os princípios contidos na aliança abraâmica e sinaítica que desembocam numa missiologia. Posteriormente, demonstra através dos salmos como tais princípios missionários faziam parte da vida do povo. Por último, o Salmo 67 é utilizado como uma ilustração de que as bênçãos pactuais geravam uma obrigação missionária de Israel perante as nações.

## PALAVRAS-CHAVE

Antigo Testamento; Missiologia; Missão centrífuga; Missão centrípeta; Particularismo; Universalismo.

## INTRODUÇÃO

Embora se reconheça a presença de textos com teor missionário no Antigo Testamento, tem sido comum usá-los como bases bíblicas de uma missão

---

\* O autor é mestre em Teologia Pastoral com ênfase em Missões pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ), mestre em Sociedade e Fronteiras pela Universidade Federal de Roraima e pastor auxiliar na Primeira Igreja Presbiteriana de Boa Vista (RR).

que se desenrolará de forma efetiva somente no Novo Testamento. Isso fica ainda mais evidente ao se verificar que boa parte da literatura de missiologia separa apenas uma pequena parte para desenvolver o tema de missões no Antigo Testamento – ínfima ante a riqueza de material sobre o trato de Deus com as nações, a vocação de Israel e suas implicações em relação aos povos e famílias da terra.

Os estudiosos do Antigo Testamento e missiólogos que comungam com a ideia de que há fundamento para se falar em missões no antigo Israel encaram a dinâmica da ação missionária sob dois pontos de vista: 1. A maioria admite que a ação missionária no Antigo Testamento teria uma dinâmica *centrípeta*, ou seja, que o antigo Israel comunicaria a salvação e o amor de Deus às nações por meio do seu estilo de vida e pelos atos de poder divinos manifestados nele; as nações, maravilhadas diante do que viam e ouviam, seriam atraídas para aprender a Lei do Senhor. 2. Outros, ainda que não numerosos, têm destacado que o antigo Israel também possuía o dever de ir e anunciar Deus às nações, dinâmica conhecida como *centrífuga*.

Embora este artigo não vise desenvolver uma discussão profunda sobre o assunto, seu teor demonstra concordância com a dinâmica centrífuga da missão. Essa ideia vem do entendimento de que a aliança firmada entre Deus e o povo de Israel em Êxodo 19.5-6 possui tanto bênçãos e privilégios quanto responsabilidades, sobretudo de ser sacerdócio real perante as nações da terra, cabendo-lhe também anunciar e ensinar a Lei de Deus a todos os povos. Essa narrativa consolida a primeira promessa de Deus feita a Abraão em Gênesis 12.2-3, vista agora com robustez por ser o momento da constituição de Israel como nação.

No Antigo Testamento, a consciência missionária de Israel é visível de maneira vívida no livro dos Salmos. Nesse livro há várias convocações a que as nações louvem o Senhor, uma vez que o próprio Deus havia afirmado “toda a terra é minha”, conforme Êxodo 19.5b. À nação israelita, como reino de sacerdotes, cumpria a responsabilidade de proclamar e admoestar os povos da terra a se voltarem para o Senhor. Não poucos salmos destacam que o fato de Israel ser “propriedade peculiar” dentre todos os povos da terra (Êx 19.5a) não era fruto de uma compreensão exclusivista, mas incluía a responsabilidade de servir a Deus como seu mensageiro, cabendo-lhe anunciar o seu senhorio às nações. Nesse sentido o Salmo 67 torna-se uma clara ilustração dessa consciência teológica.

Logo no início desse salmo, o compositor faz alusão à bênção araônica (Nm 6.25) com duas modificações importantes: 1. A alteração do singular para o plural e 2. A opção pelo nome Deus (*Elohim*) no salmo em vez de SENHOR (*Yahweh*). Como será posteriormente analisado, isso não foi acidental; pelo contrário, demonstra a consciência de que a bênção do Senhor é para a nação (e não apenas para indivíduos) e recorda sua obrigação sacerdotal de conclamar

os povos ao louvor a Deus. O nome *Yahweh*, comumente usado no contexto de relacionamento com o seu povo, é preterido por *Elohim*, o nome divino usado por Israel para ressaltar o relacionamento de Deus com as nações.

Observa-se ainda que no salmo 67.4 há o anseio de que Deus seja conhecido pelas nações: “Alegram-se e exultem as gentes, pois julgas os povos com equidade e guias na terra as nações”. As nações poderiam não saber, mas Israel sabia que elas compunham um reino bem maior, conforme explicita Van Groningen:

Todos os povos estão incluídos no reino cósmico, todos se encontram num relacionamento de aliança com *Yahweh*, são chamados a conhecer o Mediador, receber os benefícios que são concedidos por meio dele, crer nele, adorá-lo e servi-lo.<sup>1</sup>

O pecado levou cada nação a trilhar seus próprios caminhos. Porém as Escrituras deixam claro que a revelação divina não se deu por causa de e nem apenas a Israel, mas que esse povo, de posse dos propósitos do Senhor, deveria comunicá-los a todos os povos.

A primeira parte deste artigo demonstra que a razão de Deus haver escolhido o antigo Israel não foi qualquer tipo de exclusivismo. São feitas alusões ao chamado de Abraão em Gênesis 12 para que fique claro que o propósito de um particularismo em relação à escolha de Israel fazia parte de um plano maior de expansão da mensagem salvadora a todos os povos da terra. Ainda nessa parte, o texto de Êxodo 19, que mostra o momento de fundação do antigo Israel como nação, é utilizado para que se observe que os mesmos princípios presentes no chamado de Abraão também são encontrados na constituição do povo israelita.

A segunda parte do artigo trata da importância dos Salmos na constituição de uma missiologia do Antigo Testamento, visto que o saltério expressa ensinamentos e valores da aliança presente na *Torah*. Dessa forma, os convites e exortações às nações e povos da terra para louvar a Deus, por exemplo, demonstram que havia uma consciência missiológica advinda da responsabilidade da aliança entre Deus e a nação israelita. Os salmos conhecidos por “missionários” refletem aspectos do pacto.

A terceira e última parte traz uma análise dos principais temas teológicos do Salmo 67, que ilustram como a compreensão da relação entre bênção pactual e responsabilidade missionária estava presente na compreensão teológica do antigo Israel.

---

<sup>1</sup> VAN GRONINGEN, Gerard. *Criação e consumação: o reino, a aliança e o Mediador*. Vol. II. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 88-89.

## 1. ISRAEL: UMA NAÇÃO ESCOLHIDA PARA PROCLAMAR

Há dois termos importantes da missiologia que precisam ser esclarecidos de imediato: “particularismo” e “universalismo”. Eles serão utilizados aqui tanto como referência ao *status* de Israel frente aos demais povos da terra quanto para destacar a *abrangência* da sua missão. Longe de ser uma postura isolacionista, separatista ou individualista<sup>2</sup> do antigo Israel em relação às demais nações da terra, o “particularismo” ressalta o fato de Deus haver firmado uma aliança com esse povo, escolhendo-o e conferindo-lhe uma posição privilegiada para cumprir o propósito universal de se tornar conhecido perante as nações. Pode-se afirmar que isso faz parte de uma “metodologia” divina para que o anúncio da salvação alcançasse os confins da terra. Conforme George Peters, “Deus está limitando a si mesmo em sua única revelação para um povo e opera unicamente em e através de Israel”.<sup>3</sup> Ou seja, Deus quer se manifestar *no* povo e também manifestar-se *por meio* do povo.

Já o termo “universalismo” refere-se à abrangência da revelação de Deus disponível a todas as famílias da terra. Nas palavras de Grisanti: “Bênçãos redentivas de Deus disponíveis a todos os povos, a despeito de sua etnicidade”.<sup>4</sup> O fato de Deus haver elegido Israel não significava que os demais povos da terra tivessem sido esquecidos.

### 1.1 Implicações missiológicas no chamado de Abraão em Gênesis 12.1-3

Em Gênesis 12.1 e 2, Deus encoraja Abrão e promete fazer dele uma grande nação: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; <sup>2</sup> de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção!”. Na promessa da formação de uma “grande nação” os privilégios também foram manifestos: ser alvo das bênçãos divinas e ter um grande nome.

Deus deixa claro que o propósito do chamado não era tornar Israel uma nação populosa ou poderosa em si, mas abençoar todas as famílias da terra (Gn 12.3). Paulo, em Gálatas 3.8, lança luz sobre o significado de: “em ti serão benditas<sup>5</sup> todas as famílias da terra”: “Ora, tendo a Escritura previsto que Deus

<sup>2</sup> A cautela de Blauw por usar esse termo é tanta que, mesmo mencionando-o, prefere não utilizá-lo. BLAUW, Johannes. *A natureza missionária da igreja: exame da teologia bíblica da missão*. Trad. Jovelino Pereira Ramos. São Paulo: ASTE, 1966, p. 24.

<sup>3</sup> PETERS, George W. *A Biblical theology of missions*. Chicago: Moody Press, 1984, p. 94.

<sup>4</sup> GRISANTI, Michael A. Israel's mission to the nations in Isaiah 40-55: an update. *The Master's Seminary Journal* 9/1, 1998, p. 44.

<sup>5</sup> Há uma discussão sobre a forma como se deve traduzir a palavra “abençoar” em Kaiser Jr. (KAISER JR., Walter C. *Mission in the Old Testament*. Israel as a light to the nations. Grand Rapids: Baker, 2000, p. 19) e em Wright (WRIGHT, Christopher J. H. *The mission of God*. Unlocking the Bible's grand

justificaria pela fé os gentios, *preanunciou o evangelho* a Abraão: Em ti, serão abençoados todos os povos”. “Assim, sem dúvida estamos no centro do que poderíamos chamar de ponto central do evangelho e missões em ambos os Testamentos”.<sup>6</sup> Aproveu a Deus manifestar primeiramente a Israel sua aliança para que este anunciasse em toda a terra a mensagem da reconciliação com ele. Essa vocação deveria ser encarada como uma obrigação de tornar Deus revelado às demais nações.<sup>7</sup> Van Groningen destaca assim tal responsabilidade presente no pacto com Abraão:

As bênçãos que recebeu deveriam fluir por meio dele para as nações (Gn 12.3). Consequentemente, uma função missionária redentora era aspecto integral do pacto. O pacto deveria ser o meio, a agência, o instrumento pelo qual Abraão e, por meio dele, as nações se tornariam herdeiros do plano redentor de Deus *Yahweh* e participantes desse plano redentor apresentado em forma de semente a Adão e Eva (Gn 3.14,15).<sup>8</sup>

Deus, ao escolher Abraão, revela seu plano redentor para os demais povos.<sup>9</sup> A esperança das nações reside naquela declaração: “em ti serão benditas todas as famílias da terra”, referindo-se não apenas a Abraão, mas à grande nação que seria formada a partir dele. A responsabilidade de servir de “ponte” para que a mensagem redentora chegasse ao conhecimento dos povos estava arraigada à sua própria razão de ser. A raiz da nação israelita estaria conectada à sua missão para sempre.

A tensão de ser objeto e ao mesmo tempo instrumento da bênção de Deus às nações é descrita desta maneira por Wright:

---

narrative. Downers Grove: InterVarsity, 2006, p. 253). Groningen sintetiza assim: “A forma *niphal* do verbo ‘abençoar’ implica tanto uma ação reflexiva quanto passiva do verbo. A forma reflexiva é dominante e deixa implícitas duas verdades importantes. Abraão deveria viver, adorar e servir, de modo tal, que, enquanto obedecia aos mandatos espiritual, social e cultural, demonstrava que era, de fato, um agente pactual no reino cósmico de *Yahweh*. Assim, os povos ao seu redor e as nações além de seu ambiente poderiam vê-lo [...]. A segunda verdade importante enfatizada pela forma nifal do verbo ‘abençoar’ era a responsabilidade colocada sobre as nações. [...] As nações tinham um ônus sobre si de se relacionarem de modo positivo com Abraão”. VAN GRONINGEN, *Criação e consumação*, vol. II, p. 91).

<sup>6</sup> KAISER JR., *Mission in the Old Testament*, p. 20.

<sup>7</sup> Blauw afirma que “a eleição não é primariamente privilégio, mas responsabilidade”. *A natureza missionária da igreja*, p. 23.

<sup>8</sup> VAN GRONINGEN, Gerard. *Criação e consumação: o reino, a aliança e o mediador*. Vol. I. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 245.

<sup>9</sup> Kaiser Jr. considera Gênesis 12.3 “um programa divino para glorificá-lo por meio da salvação ofertada a todo o planeta terra”. Ele não tem dúvida em afirmar que é com esse texto bíblico que a missão realmente começa, considerando-o como “o primeiro mandato da Grande Comissão na Bíblia”. *Mission in the Old Testament*, p. 13.

Deus escolhe não apenas fazer de Abraão e sua descendência o *objeto* de sua bênção, mas também fazer deles o *instrumento* de sua bênção para o mundo. Essa pessoa, família e nação em particular que são abençoadas por Deus seriam a maneira de outros se achegarem à mesma bênção.<sup>10</sup>

Não havia alternativa para Abraão e sua descendência a não ser aceitar a responsabilidade advinda do chamado, conforme destaca Rowley: “O propósito da eleição é o serviço, e quando o serviço é recusado a eleição perde seu sentido e, portanto, fracassa”.<sup>11</sup> Logo, não havia razão para qualquer sentimento de “autoglorificação” ou exclusivismo por parte de Abraão ou de Israel,<sup>12</sup> visto que a própria vocação de Abraão se deu por iniciativa divina com a finalidade de ser veículo da mensagem redentora de Deus a todos os povos. Assim sendo, no ato divino de eleger um povo, não há rejeição dos demais, mas o propósito de beneficiá-los, sendo um dos primeiros registros da sua preocupação redentiva para com o restante do mundo.<sup>13</sup>

### **1.2 Implicações missiológicas na constituição da nação israelita em Êxodo 19.5-6**

Ao transformar Abrão em Abraão,<sup>14</sup> Deus revela a maneira como seu plano redentor atingirá toda a humanidade. Na narrativa de Gênesis 12.1-3 a nação israelita ainda era uma promessa, mas séculos depois Deus reafirmaria a aliança que havia feito com Abraão diante daqueles que chamará de sua “propriedade peculiar”.

O povo que Deus havia começado a formar a partir de Abraão havia ido para o Egito fugindo da fome em Canaã (Gênesis 46). Naquele momento tratava-se ainda de famílias descendentes de Abraão (ainda não propriamente

---

<sup>10</sup> WRIGHT, *The mission of God*, p. 253.

<sup>11</sup> Apud BLAUW, *A natureza missionária da igreja*, p. 22.

<sup>12</sup> Deuteronômio 7:6-8: “Porque tu és povo santo ao SENHOR, teu Deus; o SENHOR, teu Deus, te escolheu, para que lhe fosses o seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra. <sup>7</sup> Não vos teve o SENHOR afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, <sup>8</sup> mas porque o SENHOR vos amava e, para guardar o juramento que fizera a vossos pais...”

<sup>13</sup> Não se ignora o fato de Deus já haver demonstrado sua benevolência salvífica à humanidade anteriormente, desde o conhecido “protoevangelho” em Gênesis 3.15, bem como para com Enoque, Noé e outros anteriores a Abraão.

<sup>14</sup> A própria escolha divina de Abraão revela-o como legítimo representante das nações que jazem na idolatria, conforme Josué 24.2: “Então, Josué disse a todo o povo: Assim diz o SENHOR, Deus de Israel: Antigamente, vossos pais, Tera, pai de Abraão e de Naor, habitaram dalém do Eufrates e serviram a outros deuses”. Comentando este aspecto, Hedlund afirma: “Abraão foi chamado de maneira que as nações precisam ser chamadas à fé e arrependimento, a reconhecer e a obedecer o Deus de Israel como o único verdadeiro Deus”. HEDLUND, Roger E. *The mission of the church in the world: A Biblical theology*. Grand Rapids: Baker, 1991, p. 35.

um povo), que encontraram no Egito, pela providência divina, abundância de alimentos. Ali cresceram e se multiplicaram tanto que se tornaram uma ameaça à liderança daquela nação (Êx 1.9). A solução de Faraó foi escravizar toda aquela gente (Êx 1.11ss). Após um longo período, Deus ouviu o clamor de seu povo e comissionou Moisés para guiá-los na saída do Egito (Êx 3.7ss).

Liberto e aos pés do Monte Sinai, o povo ouviu os termos da aliança que Deus desejava firmar, as responsabilidades individual e coletiva no mundo, cumprindo parte do que havia prometido em Êxodo 6.7: “Tomar-vos-ei por meu povo e serei vosso Deus; e sabereis que eu sou o SENHOR, VOSSO Deus, que vos tiro de debaixo das cargas do Egito”. A narrativa de Êxodo 19 reveste-se de importância porque, no momento em que o povo responde positivamente ao pacto (Êx 19.8), passa a ser considerado uma nação,<sup>15</sup> inclusive sob o ponto de vista político. Robertson observa que “até aquela altura o tratamento de Deus tinha sido com uma família. Agora ele estabelece uma aliança com uma nação”.<sup>16</sup>

A partir do evento ao pé do Monte Sinai, a aliança passa a definir como se dará o relacionamento entre Deus e os descendentes de Abraão. Ali “Israel foi chamado para ser um povo distinto e santo (Êx 19.5,6)”, bem como “agente da revelação e da salvação de Deus para todos os povos, raças, línguas e nações (Is 42.6; Lc 2.31, 32; At 13.47)”.<sup>17</sup>

Essas pessoas eram descendentes de Jacó e da semente de Abraão. Como um povo liberto, eles não estavam por conta própria; Deus *Yahweh* os reivindicara como seu povo pactual. Referência a eles como Israel indicava que tinham também uma herança de estarem em um relacionamento pessoal de reconciliação com *Yahweh*. [...] Acampados ao pé do monte, eles ainda não eram a nação de Israel. Mas Deus *Yahweh* estava avançando em seu plano de cumprir sua promessa a Abraão: “Eu farei de você uma grande nação” (Gn 12.2).<sup>18</sup>

Moisés enfatiza ao povo que a libertação se deu unicamente pelo poder de Deus (“Tendes visto o que fiz aos egípcios” – Êx 19.4a), que agiu com sua mão sobre o império egípcio, retirando-os da servidão. Além de comunicar ao povo a magnitude do poder divino, fala igualmente do cuidado e afeição

<sup>15</sup> ARCHER, Gleason L. *Merece confiança o Antigo Testamento?* São Paulo: Vida Nova, 2003, p. 133.

<sup>16</sup> ROBERTSON, O. Palmer. *Cristo dos pactos*. Campinas: LPC, 1997, p. 168. Robertson comenta um pouco mais adiante que “à medida que a lei tornou Israel um povo da aliança, trouxe o desígnio de Deus quanto à redenção a um novo estágio de realização. Em vez de continuar como uma confederação tribal nômade, Israel solidificou-se como uma nação distinta, consagrada como sacerdotes do próprio Deus” (p. 194).

<sup>17</sup> VAN GRONINGEN, *Criação e consumação*, vol. II, p. 87. Corroborando com essa visão: GLASSER, Arthur F. et al. *Announcing the Kingdom: The story of God’s mission in the Bible*. Grand Rapids: Baker, 2003, p. 72-73; WRIGHT, *The mission of God*, p. 370ss.

<sup>18</sup> VAN GRONINGEN, *Criação e consumação*, vol. I, p. 358.



que tem pela nação: “como vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim” (Êx 19.4b).<sup>19</sup> Essa metáfora indica tanto a maneira extraordinária como Deus os salvou da escravidão quanto a forma delicada de agir, tal qual uma ave cuidadosa que carrega seus filhos sobre suas costas quando esses ainda são pequeninos e estão aprendendo a voar, aludindo aos primeiros passos de Israel como nação.<sup>20</sup>

### 1.2.1 Propriedade peculiar – o particularismo de Israel

Em Êxodo 19.5 se lê: “Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança<sup>21</sup>, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha”. Conquanto o termo “vocaçãõ” não esteja claramente no texto, o seu conceito está presente. Para Van Groningen “a eleição graciosa de Israel por Deus *Yahweh* é declarada quando disse, ‘dentre todos os povos’ e ‘porque toda a terra é minha’”.<sup>22</sup> Êxodo 19.5 destaca a escolha de Israel dentre todos os povos: *se* o povo ouvir atentamente e guardar o que Deus está propondo, será *lí s<sup>e</sup>gullah* (“para mim, possessão”) dentre as nações da terra, sob as devidas condições, é claro.

Uma palavra que destaca e esclarece o sentido de propriedade de Deus dentre todos os povos é *s<sup>e</sup>gullah*, “propriedade valorosa, tesouro peculiar que Deus escolheu e tomou para si”.<sup>23</sup> Seu uso se dava principalmente para descrever um tesouro pessoal de um rei.<sup>24</sup> Conforme Walter Kaiser Jr.: “A raiz desse termo era *sakālu*, ‘separar uma coisa ou uma possessão’. Era o oposto de bens imóveis, tais como terras, que não podiam ser removidos. O *s<sup>e</sup>gullah* de Deus, por outro lado, era Seu tesouro *móvel*”.<sup>25</sup>

A conclusão e aplicação missionária que Kaiser Jr. sugere é que Israel, como uma joia preciosa, poderia ser movida por Deus como ele bem desejasse e para onde fosse preciso.<sup>26</sup> Tal metáfora também destaca o valor que o povo

<sup>19</sup> Comumente se encontra nos salmos a proteção e cuidado de Deus associado à imagem das asas de um pássaro, conforme Salmos 17.8; 36.7; 57.1; 61.4; 63.7; 91.4.

<sup>20</sup> KAISER JR., *Mission in the Old Testament*, p. 22.

<sup>21</sup> É a primeira vez que o termo *b<sup>e</sup>rít* aparece no Êxodo, indicando “particular relação estabelecida entre Deus e o povo de Israel”. BALLARINI, Teodorico; GALBIAT, Enrico; MORALDI, Luigi. *Introdução à Bíblia com antologia exegética*. Vol. II/1. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 332.

<sup>22</sup> VAN GRONINGEN, *Criação e consumação*, vol. I, p. 359.

<sup>23</sup> BROWN, Francis; DRIVER, S. R.; BRIGGS, Charles A. *The New Brown–Driver–Briggs–Gesenius Hebrew and English Lexicon*. With an appendix containing the Biblical Aramaic. Peabody: Hendrickson Publishers, 1979, p. 582.

<sup>24</sup> WRIGHT, *The mission of God*, p. 256.

<sup>25</sup> KAISER JR., Walter C. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1988, p. 110.

<sup>26</sup> KAISER JR., Walter C. *The Messiah in the Old Testament*. Grand Rapids: Zondervan, 1995, p. 22.



de Israel (que até pouco tempo possuía o status de escravo) passaria a ter caso resolvesse ouvir e guardar todos os mandamentos de seu Rei.

Também é preciso ser destacado aqui que, ao conceder o status de “propriedade preciosa”, Deus o fazia baseado em sua vontade, misericórdia e amor, que estão intrinsecamente ligados à sua aliança.<sup>27</sup> Não houve razão ou mérito no povo que o levasse a merecer tal atenção de Deus.<sup>28</sup> Ou seja, jamais deveria existir no coração da nação israelita qualquer sentimento de orgulho e superioridade em relação aos demais povos da terra, mas bendizer a Deus, que por sua decisão em compor uma aliança os fez alvo primeiro de sua graça redentora. O valor de Israel estava na manifestação do amor divino.<sup>29</sup>

A nação israelita também deveria estar ciente de que a libertação do Egito se deu em face da aliança feita entre Deus e seus pais<sup>30</sup> e que encontra em Abraão sua maior expressão, conforme Gênesis 12.2-3: “<sup>2</sup> de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! <sup>3</sup> Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra”.

A aliança entre eles, portanto, não se fundamentava na natureza, mas numa aliança. A obrigação religiosa era baseada num favor antecipado de *Iahweh*; por isso a aliança não dava a Israel nenhum direito de colocar *Iahweh* em qualquer dívida para o futuro. A aliança deveria ser mantida somente enquanto as cláusulas da soberania divina fossem observadas.<sup>31</sup>

Na aliança que faria, o povo de Israel deveria estar ciente de que não seria como um acordo entre iguais. Só lhes restava – após aceitar as condições – obedecer à proposta divina e depender exclusivamente dos cuidados de Deus. A desobediência, por outro lado, traria consequências atroz não apenas à vida do povo, mas se estenderia à vida de todos os povos da terra.

<sup>27</sup> “Vê-se claramente como a aliança parte da iniciativa divina, comporta uma promessa de Deus, o qual desta forma se mostra ligado por sua própria fidelidade à palavra empenhada...” Conf. BALLARINI; GALBIATI; MORALDI, *Introdução à Bíblia*, p. 332-333. Smith dedica uma parte de seu estudo para destacar o propósito da eleição e a base da escolha divina de Israel. SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento: história, método e mensagem*. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 130ss.

<sup>28</sup> É lógico que, enquanto escolhido por Deus, Israel seria objeto de favores especiais, mas deveria sempre lembrar que esse favorecimento se baseava unicamente na graça, como bem descreveu Bright (BRIGHT, John. *História de Israel*. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 191, 198).

<sup>29</sup> KAISER JR., *Mission in the Old Testament*, p. 110.

<sup>30</sup> “Moisés lembrou Israel de que Deus os escolhera e os resgatara da escravidão não devido à bondade de Israel, mas unicamente porque ele o amava e era fiel às promessas feitas aos patriarcas.” HARRIS, Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia*. Trad. Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão, Carlos Oswaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 1027.

<sup>31</sup> BRIGHT, *História de Israel*, p. 198.

Algo muito importante é que, ao declarar Israel como “propriedade” dentre todos os povos da terra, Deus ressalta que não foram os israelitas que o escolheram como quem escolhe uma “divindade nacional”. De acordo com Bright: “Seu Deus-Rei não era nenhum gênio nacional a ele ligado por laços de sangue e culto, mas um Deus cósmico que o tinha escolhido quando ele mais o necessitava, e que o escolheu por um ato moral livre”.<sup>32</sup> Ou seja, o povo de Israel é que foi escolhido e passou a pertencer ao Deus todo-poderoso.

Continuando o versículo 5 de Êxodo 19, lê-se: “porque toda a terra é minha”. Essa declaração divina torna inequívoco que Deus não se limitaria nem estaria confinado à nação israelita. Van Groningen afirma:

Todos os povos estão incluídos no reino cósmico, todos se encontram num relacionamento de aliança com *Yahweh*, são chamados a reconhecer o Mediador, receber os benefícios que são concedidos por meio dele, crer nele, adorá-lo e servi-lo.<sup>33</sup>

Ou seja, os demais povos não foram deixados de lado por seu Criador.

Ao afirmar que toda a terra é sua, todas as famílias, independentemente de etnias, estão presentes, como afirma Davi no Salmo 24.1: “Ao Senhor pertence a terra e tudo o que nela se contém, o mundo e os que nele habitam”.

Elas são obras das suas mãos (Sl 86.9), elas testificam de sua multiforme sabedoria e bondade (Gn 9.16), também para os seus anseios por paz (Gn 10.1, 32), porque ele abençoou a terra *depois* do dilúvio, dando-lhe a multidão de povos.<sup>34</sup>

O Deus Criador lança diante do seu povo israelita o desafio/responsabilidade que passaria a ter diante de todos os povos. Israel tornou-se devedor de toda a terra, conforme afirmou Lengrand:

O povo de Israel, que reconhece que é escolhido de Deus, também via a si mesmo colocado entre as nações em um mundo que está sujeito ao governo daquele mesmo Deus... A eleição não corta Israel das demais nações. Ela situa aquele povo em relação a elas.<sup>35</sup>

Expondo a Israel seu propósito de fazer dele sua propriedade, Deus dava prosseguimento a seu plano redentivo de fazer seu senhorio conhecido em toda a terra. Nas palavras de Samuel Terrien, “Israel, porém, não é amado

<sup>32</sup> Ibid.

<sup>33</sup> VAN GRONINGEN, *Criação e consumação*, vol. I, p. 87-88.

<sup>34</sup> BLAUW, *A natureza missionária da igreja*, p. 35.

<sup>35</sup> Apud WRIGHT, *The mission of God*, p. 251.

num vácuo histórico. [...] Israel é amado para que se torne o reino sacerdotal de Javé na história do mundo”.<sup>36</sup>

### 1.2.2 Reino de sacerdotes – o universalismo de Israel

Nem todos concordam que haja algum fundamento missionário em Êxodo 19.6 ou que Israel possuísse alguma responsabilidade para com as nações de seu tempo. De acordo com Schnabel, “a lei sinaítica<sup>37</sup> não contém nenhuma estipulação individual para uma atividade ‘missionária’ de Israel, que seria indispensável no contexto do Código de Santidade”.<sup>38</sup> Argumenta ainda que os pagãos sempre são colocados equidistantes, sendo vistos mais como ameaça do que como alvo missionário. Argumenta ainda que os profetas nunca acusaram o povo de haver sido negligente em sua tarefa missionária.<sup>39</sup> Para esse autor, se há algum aspecto missionário este deveria se cumprir apenas num futuro distante. Entretanto, o termo “reino de sacerdotes” tem muito a revelar sobre a tarefa missionária de Israel.

Êxodo 19.6 é o único lugar em todo o Antigo Testamento em que ocorre a expressão “reino de sacerdotes”. Esse termo aplicado ao povo de Israel revela tanto uma parte de seu status e função quanto de sua atribuição e responsabilidade. O antigo Israel já possuía a denominação de “propriedade preciosa”, dando-lhes destaque em relação aos demais povos, mas o termo “reino”, longe de significar poder político, significava que tinha a Deus como Rei, sendo, portanto, seu reino.<sup>40</sup> Tal termo também os lembraria de ser modelo de vida do reino de Deus para todos os povos.<sup>41</sup>

O sacerdócio está relacionado à tarefa de mediação entre Deus e os homens.<sup>42</sup> Em linhas gerais, “o sacerdote tinha que agir como mediador em

<sup>36</sup> Apud SMITH, *Teologia do Antigo Testamento*, p. 124.

<sup>37</sup> Por lei sinaítica, Schnabel refere-se ao Decálogo (Êxodo 20) e ao Código da Aliança (Êxodo 21-23). Argumenta que não há um mandamento expresso para que Israel desenvolvesse uma atividade missionária. Para esse autor, Israel é reino de sacerdotes porque podia ser capaz de se relacionar de maneira mais dedicada com Javé. Daí sua preferência pelo termo “reino sacerdotal”. SCHNABEL, Eckhard J. *Early Christian mission: Jesus and the twelve*. Vol. I. Downers Grove: InterVarsity; Leicester: Apollos, 2002, p. 71.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 71-72.

<sup>39</sup> *Ibid.*, p. 72.

<sup>40</sup> BALLARINI; GALBIAT; MORALDI, *Introdução à Bíblia*, p. 333.

<sup>41</sup> Carriker considera que a “justiça em relação ao próximo e a sua dependência de um só e único Deus serviria de modelo para as nações que a soberania do Deus Criador iria alcançar”. CARRIKER, Charles Timothy. *Missão integral: uma teologia bíblica*. São Paulo: SEPAL, 1992, p. 49.

<sup>42</sup> Ao descrever algumas atribuições da figura do sacerdote, não se está atribuindo a este uma responsabilidade missionária. Essa responsabilidade competia ao povo de Israel. As funções dos sacerdotes aqui mencionadas servem apenas para elucidar alguns princípios que também deveriam ser observados pela nação israelita.

favor do povo, representando-o diante de *Yahweh*, intercedendo em favor deles, trazendo seus sacrifícios, ofertas e dádivas à presença de Deus *Yahweh*".<sup>43</sup>

As tarefas dos sacerdotes foram sumariadas por Moisés em três categorias: ministrar, pronunciar as bênçãos em nome de *Yahweh*, e decidir todos os casos de disputa e violência (Dt. 21.5). Essas três categorias resumiam as oito tarefas detalhadas: (1) fazer a expiação pelo povo, intercedendo por ele e proclamando o perdão; (2) santificar e manter a santidade do povo; (3) ouvir as confissões de fé e receber as ofertas de agradecimento; (4) supervisionar o tabernáculo em todo o tempo; (5) ser ministro de misericórdia; (6) ensinar e supervisionar a instrução do povo; (7) ser o mantenedor do Livro do Pacto escrito; (8) servir em capacidades judiciais.<sup>44</sup>

Naturalmente que todo esse detalhamento das funções sacerdotais não estava na mente do povo naquele momento no Sinai, sendo revelado posteriormente à família de Arão em Êxodo 28.1; 40.12-15. Porém, a função sacerdotal aplicada a Israel está diretamente relacionada ao serviço a Deus e às nações: "Como o sacerdote é intermediário entre Deus e o seu povo, da mesma forma Israel será intermediário entre Deus e todos os outros povos".<sup>45</sup>

Uma das atribuições do sacerdote era ensinar o povo a andar nos caminhos de Deus, expondo-lhe os estatutos e juízos e zelando para que os obedecessem à risca. Como "reino de sacerdotes", Israel recebe toda instrução de Deus que lhe ensinaria como viver e agradá-lo, bem como a solução redentora para o pecado que assolou a humanidade. Como parte de sua função, deve-se refletir se cabia a Israel compartilhar o que estavam prestes a receber do Rei com os povos que nada conheciam sobre o soberano que rege as nações. Van Groningen, pensando acerca da tarefa sacerdotal e aplicando-a à nação israelita, afirma: "Israel estava ciente do senhorio de Deus *Yahweh* sobre todas as nações, e era desejo de seu coração que todas as nações o conhecessem e o adorassem e, assim, recebessem a redenção total e plena".<sup>46</sup> Isto se torna muito claro no Salmo 67:4: "Alegrem-se e exultem as gentes, pois julgas os povos com equidade e guias na terra as nações".

Segundo Peters, está claro que "Israel é feito mediador entre Deus e as nações. Isso para ser um reino de sacerdotes e uma nação santa a fim de mediar a revelação única de Deus que havia recebido. Israel é chamado para ser um canal, não um depósito, de bênçãos".<sup>47</sup> A aliança firmada no Sinai não deveria

<sup>43</sup> VAN GRONINGEN, *Criação e consumação*, vol. I, p. 360.

<sup>44</sup> Ibid., p. 397.

<sup>45</sup> BALLARINI; GALBIAT; MORALDI, *Introdução à Bíblia*, p. 333-334.

<sup>46</sup> VAN GRONINGEN, *Criação e consumação*, vol. II, p. 93.

<sup>47</sup> PETERS, *A Biblical theology of missions*, p. 94.

ser vista apenas pelo prisma do privilégio de receber a mensagem e as bênçãos do verdadeiro e único Deus, mas, como afirma Carriker, “a aliança implicava, então, numa função especialmente missionária de Deus”.<sup>48</sup> Aquele momento compunha parte de um plano redentivo maior, do qual o povo do antigo Israel era parte fundamental.

A aliança com Abraão declara que Deus faria de sua descendência uma grande nação, e abençoaria todas as famílias da terra. No Sinai fica esclarecido que essa bênção chegaria por intermédio de um reino sacerdotal. “O sacerdócio do povo de Deus é então uma função missional que está em continuidade com a vocação abraâmica, e isso afeta as nações”.<sup>49</sup>

Não há porque afirmar que “o propósito original de Deus foi adiado (não desfeito ou derrotado para sempre) até os tempos do NT”.<sup>50</sup> Não se pode negar o aspecto missionário na função sacerdotal de Israel em Deuteronômio 4.5-8, que destaca como os estatutos e ensinamentos de Deus para Israel têm implicações universalistas:

<sup>5</sup> Eis que vos tenho ensinado estatutos e juízos, como me mandou o SENHOR, meu Deus, para que assim façais no meio da terra que passais a possuir. <sup>6</sup> Guardai-os, pois, e cumpri-os, porque isto será a vossa sabedoria e o vosso entendimento *perante os olhos dos povos que, ouvindo todos estes estatutos, dirão: Certamente, este grande povo é gente sábia e inteligente.* <sup>7</sup> Pois que grande nação há que tenha deuses tão chegados a si como o SENHOR, nosso Deus, todas as vezes que o invocamos? <sup>8</sup> E que grande nação há que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que eu hoje vos proponho? [Grifos meus]

Israel seria reconhecido como um povo sábio e inteligente pela obediência à Lei do Senhor. Os povos poderiam encontrar a sabedoria na maneira como viam o povo israelita viver e nas palavras contidas na Lei, que não eram advindas da sabedoria humana, mas da revelação divina. Ao seguir seus preceitos, os demais povos *veriam* seu testemunho e estilo de vida reta e justa, e *ouviriam* os estatutos que faziam com que aquela nação fosse grande. Não se trata apenas de ver, mas de ouvir o que estava na Lei como parte da missão sacerdotal de Israel.

Assim, tanto o “particularismo” quanto o “universalismo” presentes no pacto destacam a posição e a missão de Israel perante as nações da terra. Como partes integrantes da aliança, é natural que esses temas apareçam em todo o Antigo Testamento, inclusive nos Salmos, como será visto a seguir.

<sup>48</sup> CARRIKER, *Missão integral*, p. 67.

<sup>49</sup> WRIGHT, *The mission of God*, p. 331.

<sup>50</sup> KAISER JR., *Teologia do Antigo Testamento*, p. 114.

## 2. A RELEVÂNCIA DO PACTO NOS SALMOS PARA A CONSTITUIÇÃO DE UMA TEOLOGIA BÍBLICA DE MISSÕES

Já faz algum tempo que o tema “missões” tem sido identificado e estudado no livro dos Salmos. Peters encontrou no saltério mais de 175 referências relacionadas à salvação e esperança das nações, denominando-o o maior livro missionário do mundo.<sup>51</sup> Comentando sobre a felicidade que estaria ao alcance de todos os povos no final do Salmo 2, Futato enfatiza que “a intenção de Deus é que Davi e seus descendentes sirvam como mediadores desta vida verdadeiramente feliz”,<sup>52</sup> que é obtida apenas quando se está refugiado nele. Conforme visto, o antigo Israel fora chamado para servir às nações como mediador entre elas e Deus, cumprindo sua função sacerdotal. Por isso os salmos são repletos de anseios comunitários por ver as nações curvando-se ao Deus único.

Os salmos nos apresentam um quadro das nações do mundo se sujeitando ao nosso Deus. Este é tão grande que as nações devem apresentar-se e adorar diante dele. Este quadro constitui não apenas uma visão do futuro, mas algo que instiga os salmistas com uma urgência missionária real.<sup>53</sup>

Na forma de composições poéticas, esse hinário deixava vívido, através de canções, o dever de anunciar o senhorio do Criador a todas as nações. “O fiel seria grandemente enriquecido em seu pensamento missionário lendo através dos salmos e destacando todas as referências relacionadas às nações da terra”,<sup>54</sup> uma vez que os povos faziam parte da agenda de Israel cantada nos salmos. Mesmo que a prática missionária de Israel não tenha sido tão explícita, sua teologia estava presente tanto em expressões comunitárias quanto individuais, como se pode perceber nos Salmos 2, 33, 66, 72, 98, 117 e 145, alistados por Peters,<sup>55</sup> além dos Salmos 67 e 96, que mereceram atenção especial de Kaiser Jr.<sup>56</sup>

O que levou os salmistas a produzirem tantos salmos com a tônica missionária? Certamente não foi um sentimento positivo em relação aos povos que estavam em derredor. Para exemplificar, Van Groningen faz referência à opinião de um comentarista judeu do livro dos Salmos, chamado Hirsch: “Javé é o Senhor de Sião, para Israel somente. [...] Para Hirsch não existe evangelho para outras nações”.<sup>57</sup> Se esse é o pensamento presente ainda hoje

<sup>51</sup> PETERS, *A Biblical theology of missions*, p. 116.

<sup>52</sup> FUTATO, Mark D. *Interpretação dos Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 63.

<sup>53</sup> HARMAN, Allan. *Salmos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 44.

<sup>54</sup> PETERS, *A Biblical theology of missions*, p. 116.

<sup>55</sup> Ibid.

<sup>56</sup> KAISER JR., *Mission in the Old Testament*, p. 30, 34.

<sup>57</sup> Hirsch *apud* VAN GRONINGEN, Gerard Van. *Criação e consumação: o reino, a aliança e o Mediador*. Vol. III. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p. 201.

num comentarista judeu, quanto mais no passado distante, quando o povo de Israel tinha que enfrentar guerras com seus vizinhos e viver um estilo de vida e valores opostos aos deles.

Andiñach, comentando sobre a santidade que a nação israelita deveria ter, afirma que ser separado para uma missão é uma ideia “estranha ao Antigo Testamento”.<sup>58</sup> Entretanto, é inegável a existência de um tom missionário em vários salmos, o que se evidencia na compreensão que os salmistas, inspirados pelo Espírito Santo, possuíam da doutrina do pacto presente na Lei do Senhor.

...os poetas refletiam uma percepção de suas situações contemporâneas. Expressaram o conhecimento daquilo que Deus *Javé* havia dito e feito em tempos passados. Retrataram uma necessidade real de estarem apercebidos daquilo que Deus *Javé* queria que fossem e fizessem como seu povo da aliança. Os salmos assim revelam como o povo da aliança vivia, adorava e servia a Deus *Javé* em suas vidas diárias.<sup>59</sup>

Em outras palavras, todo o conteúdo dos salmos está firmemente fundamentado no que os salmistas conheciam: a *Torah*. Tanto as instruções quanto o modo de viver, advertências, consolo, as expressões de desabafo (como aquelas presentes nos vários “salmos de lamento”), esperança, gratidão e louvor a Deus eram repetições, explicações e aplicações dos ensinamentos da Lei do Senhor ao cotidiano de seu povo. Como Crenshaw destacou: “Alguns intérpretes caracterizam o livro dos Salmos como um manual da vida espiritual”.<sup>60</sup>

Não é por acaso que o saltério esteja organizado em cinco livros: Livro 1: 1-41; Livro 2: 42-72; Livro 3: 73-89; Livro 4: 90-106 e Livro 5: 107-150. Cada um desses livros termina com uma doxologia semelhante à do Salmo 41.13: “Louvado seja o Senhor, o Deus de Israel, de eternidade em eternidade! Amém e amém!”. Essa divisão já estava presente na Septuaginta, sendo muito antiga.<sup>61</sup> Desta forma, Futato conclui: “Ao combinarmos o sentido de *tôrah* como ‘instrução’ com a referência de *tôrat yhwé* (lei do SENHOR)<sup>62</sup> aos cinco livros de Moisés, nós concluímos que o livro dos salmos convida os crentes a meditar nos cinco livros de Moisés”.<sup>63</sup>

O Livro dos Salmos enfeixa a fé de Israel num só livro. O formato no qual aparece é novo, porém não o conteúdo. Todos os temas do livro são enfeixados

<sup>58</sup> ANDIÑACH, Pablo R. *O livro do Êxodo: um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010, p. 258.

<sup>59</sup> VAN GRONINGEN, *Criação e consumação*, vol. III, p. 156-157.

<sup>60</sup> CRENSHAW, James L. *The Psalms: An introduction*. Grand Rapids: Eerdmans, 2001, p. 70.

<sup>61</sup> HARMAN, *Salmos*, p. 24.

<sup>62</sup> *Torah – Lei; Torah Yahweh – Lei do Senhor*.

<sup>63</sup> FUTATO, *Interpretação dos Salmos*, p. 49.



pelo fato de ser a confissão de Israel, pois ele constitui o credo de Israel, cantado, não recitado. Equivale dizer, ele expressa a nós o que os crentes em Israel de outrora sabiam e sentiam sobre o Senhor em quem confiavam.<sup>64</sup>

É claro que, ao se afirmar que o saltério se constitui num credo, não se quer dizer que seja uma exposição doutrinária sistemática. Porém, mesmo que não seja um tratado doutrinário, “os salmos ensinam doutrina”,<sup>65</sup> mas um ensino direcionado às mais variadas situações da vida de uma forma poeticamente vibrante. O salmista, em seu íntimo relacionamento com Deus e sua Lei, de posse das variadas dinâmicas da vida a que estava exposto, era capaz de produzir uma teologia bem alicerçada naquilo que ele cria e que fora revelado por Deus. De acordo com McCann, é preciso “elevant o conceito de *tôrah* para um dos significados centrais no entendimento dos Salmos. [...] os salmos devem ser ouvidos como instrução de Deus para a fidelidade”.<sup>66</sup>

Os salmos são não apenas expressões individuais da compreensão religiosa, mas antes são distintamente expressões de fé que procedem de uma comunidade de fé. A esfera da qual os cânticos de Israel vêm era a *comunidade pactual*, vinculada por compromisso comum com o Senhor. [...] provém de um compromisso comum com o Deus de Israel.<sup>67</sup>

Os salmistas tecem suas composições no contexto da aliança expressa na *tôrah* por viverem numa comunidade pactual. “Este é o povo que fala a Deus e sobre Deus na base de estar em um relacionamento de aliança com ele”.<sup>68</sup> Este pacto é que une os muitos temas tratados no saltério e fornece a “lente” correta para interpretá-los. Qualquer tema tratado não estará desalinhado ou absorvido em um quadro de referência maior. Daí a importância de se mostrar no capítulo primeiro alguns princípios norteadores do pacto que Deus firmou com o seu povo, que faz com que se entenda o aspecto missionário presente nos salmos. Os poemas estão carregados de convicções teológicas pactuais, mesmo que travestidos de sentimentos humanos.

Há dois temas presentes nos salmos que merecem atenção por expressarem um caráter missionário. O primeiro, mesmo que a princípio não pareça, é a majestade e realeza de Deus. O segundo são as nações da terra como alvos da proclamação da mensagem redentora. Longe de serem explorados exaustivamente, serão apenas destacados aqui.

---

<sup>64</sup> HARMAN, *Salmos*, p. 16.

<sup>65</sup> LONGMANN III, Tremper. *How to read the Psalms*. Doners Grove: Intervarsity, 1988, p. 52.

<sup>66</sup> McCANN, J. Clinton. *A theological introduction to the book of Psalms: The Psalm as Torah*. Nashville: Abingdon, 1993, p. 25.

<sup>67</sup> HARMAN, *Salmos*, p. 29. Grifo meu.

<sup>68</sup> LONGMANN III, *How to read the Psalms*, p. 57.

## 2.1 A realeza de Yahweh

Ao abordar a realeza de *Yahweh* nos salmos, Kraus afirma que “*Yahweh* reina sobre as nações. ...a atuação judicial do ‘rei’ *Yahweh* se estende às nações (Sl 96.10,13; 98.9)”.<sup>69</sup> Tal realeza sobre as nações aponta para o fato de que o Criador é o dono de toda a terra e que as nações continuam sob o seu domínio, conforme visto anteriormente em Êxodo 19.5b: “porque toda terra é minha”. Carriker afirma que “os salmos enfatizam o domínio real de *Iahweh* sobre Israel, as nações e toda a sua criação”.<sup>70</sup> Nada foge ao seu domínio e governo e as divindades erigidas pelos povos não passam de ídolos (Sl 96.5).

Nos salmos, não são poucas as referências a esse reinado na terra. Apenas para citar algumas: “Deus *reina* sobre as nações; Deus *se assenta* no seu santo trono” (Sl 47.8); “Deus ouvirá e lhes responderá, ele, que *preside* desde a eternidade, porque não há neles mudança nenhuma, e não temem a Deus” (Sl 55.19). Todo o Salmo 2 e outros salmos declaram a majestade e o reinado do Senhor sobre o cosmos, sobre todos os povos, inclusive sobre os fenômenos da natureza e as forças que ameaçam o mundo ordenado, conforme se pode ver no Salmo 29.10: “O SENHOR *preside* aos dilúvios; como rei, o SENHOR *presidirá* para sempre”. Neste último versículo a palavra *mabbûl* (dilúvio) “é uma referência mitopoética às águas caóticas do mar que ameaçam o mundo bem ordenado, mas que foram subjugadas pelo Senhor”.<sup>71</sup> Nada foge ao seu domínio, governo e soberania, e o mundo não está sujeito ao caos e ao acaso.

Os salmos declaram de várias maneiras que o Deus vivo – o Grande Rei – não é uma divindade nacional e que seu domínio vai para além das fronteiras do povo que escolheu para revelar e fazer dele veículo de anúncio da sua Lei. Ele é o Rei de toda a terra e todas as nações precisam saber a quem devem louvar, uma vez que é ele quem julga os povos com equidade e guia na terra as nações (Sl 67.5). Por isso a realeza do Senhor por si só já é um estímulo à obra missionária. Conforme Harman, os salmos expressam “um ardor em seu anelo de ver todas as nações se curvando diante do Rei e se sujeitando ao seu governo. A visão do reino final de Deus os impele com um espírito missionário real”.<sup>72</sup>

Ao tratar sobre a realeza e o governo de Deus na terra, os salmistas não estão interessados apenas em fazer uma declaração, mas uma conclamação a que os povos reconheçam e se submetam a ser vassalos conscientes e servos desse reino. O Salmo 2.2-4 afirma: “Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o SENHOR e contra o seu Ungido, dizendo: Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas. Ri-se aquele que habita nos

<sup>69</sup> KRAUS, Hans-Joachim. *Teologia de los Salmos*. Salamanca, Espanha: Sígueme, 1985, p. 37.

<sup>70</sup> CARRIKER, *Missão integral*, p. 118.

<sup>71</sup> FUTATO, *Interpretação dos Salmos*, p. 61.

<sup>72</sup> HARMAN, *Salmos*, p. 45.

céus; o Senhor zomba deles”. Esse salmo mostra como as nações acham que podem sobreviver sem o grande Rei, ignorando-o ou achando-se fora de seus domínios. Porém, mesmo a ignorância não os livrará do governo do Soberano Rei. O Senhor zomba dessa inútil tentativa de libertar-se, mas deseja que todas as nações experimentem a felicidade submetendo-se ao seu governo: “Bem-aventurados todos os que nele se refugiam” (Sl 2.12).

Ainda no segundo Salmo, Futato destaca dois aspectos escatológicos que ilustram a dimensão da monarquia e governo divinos: 1. Deus governa todas as coisas a despeito de circunstâncias contrárias, exigindo fê de seus súditos; 2. Não há como escapar dos domínios do Deus todo-poderoso, por isso ele ri das nações que tentam fazê-lo (v. 4). No final de tudo, um descendente do trono de Davi (o ungido) governará a tudo e todos, submetendo todas as nações ao seu domínio. Por essa razão, a mensagem de esperança às nações é que se sujeitem ao seu domínio desde já, para que não sofram a ira do Senhor e experimentem a felicidade refugiando-se nele.<sup>73</sup>

## **2.2 As nações incluídas no projeto redentor**

O outro aspecto teológico que merece atenção é o relacionamento do povo de Israel com as nações que não receberam o privilégio da revelação pactual de Deus. Na primeira parte deste artigo afirmou-se que Deus não rejeitou as nações ao tomar a Israel como sua propriedade preciosa. Pelo contrário, as fez alvo de seu amor por meio de uma tarefa designada a seu servo Israel. Foi ele quem as criou, como está descrito no Salmo 86.9: “Todas as nações que fizeste virão, prostrar-se-ão diante de ti, Senhor, e glorificarão o teu nome”. Por isso, quando transgredia os preceitos da aliança o povo de Israel era disciplinado pelo Senhor, que utilizava as próprias nações como seus instrumentos de punição, como destaca Blauw:

Muitas vezes, particularmente nos livros históricos do Antigo Testamento, as nações são *ameaça* a Israel no campo da política e *tentação* com respeito à religião. Sempre que não resistiu à tentação de associar-se aos deuses das nações, e sempre que se deixou atrelar a eles, Israel perdeu seu significado e direito de existência, tendo sido ameaçado e derrotado por eles.<sup>74</sup>

As nações deveriam ver os atos do Senhor no meio do seu povo e ficar maravilhadas e estimuladas a ouvir acerca de quem ele é. De fato, na maioria das vezes Israel se viu perante os povos mais como uma nação privilegiada do que como uma nação devedora aos povos. Muitas vezes, com o desejo de conservar sua santidade, cultivou um olhar distante ou até inimigo das nações.

<sup>73</sup> FUTATO, *Interpretação dos Salmos*, p. 63-64.

<sup>74</sup> BLAUW, *A natureza missionária da igreja*, p. 25.

O Salmo 99.1-2 afirma: “Reina o SENHOR; tremam os povos. Ele está entronizado acima dos querubins; abale-se a terra. O SENHOR é grande em Sião e sobremodo elevado acima de todos os povos”. Futato, comentando sobre esses versículos, destaca que as nações deveriam louvar ao Senhor porque ele está exaltado acima de todas elas. “Como Israel, as nações devem exaltar ao Senhor porque ele é para elas um ‘Deus perdoador’ (v. 8), assim como ele é para Israel”.<sup>75</sup> As nações deveriam adorar ao Senhor e também gozar de suas bênçãos.

O Salmo 117.2 é enfático quanto ao motivo pelo qual todos os povos e todos os gentios são intimados a louvar o Senhor: “Porque mui grande é a sua misericórdia para conosco, e a fidelidade do SENHOR subsiste para sempre”. Novamente Futato enfatiza:

A palavra “conosco” inclui as nações ou apenas Israel? Até certo nível, o “conosco” indica Israel. Como em Isaías 40-55, as nações são aqui convidadas a considerarem o amor e a fidelidade de Deus que foram demonstrados na história de Israel. Esse convite visa levar Israel a louvar e exaltar ao Senhor. Em adição, o salmo convida as nações do mundo a reconhecerem em um povo um Senhor da generosidade e justiça do único Senhor para com todos.<sup>76</sup>

Paulo, referindo-se ao Salmo 117.1, afirma em Romanos 15.11: “E ainda: Louvai ao Senhor, vós todos os gentios, e todos os povos o louvem”. Ele possuía o entendimento claro de que às nações é dado o privilégio de usufruir das mesmas bênçãos prometidas ao povo de Israel, desde o Antigo Testamento. “Israel foi abençoado para ser uma bênção entre as nações. [...] A bênção veio a Israel como um meio de alcançar as nações”.<sup>77</sup>

Não são poucos os salmos que expressam o comissionamento de todos os povos a louvar ao Senhor, bem como a responsabilidade de Israel com o anúncio da glória do Senhor a toda terra, como os Salmos 9.11; 45.17; 47.1, 9; 66.8; 72.11, 17; 86.9; 96.3; 97.7, 10; 102.15; 105.1, dentre outros. Mesmo compostos e cantados na nação israelita, nesses salmos não há pretensão de um domínio político sobre as demais nações da terra, mas de que estas conheçam o Deus verdadeiro e o adorem. Conforme afirmou Wright, “a missão de Deus é abençoar todas as nações da terra. [...] Israel no Antigo Testamento não foi escolhido *em oposição* ao restante das nações, mas para *abençoar* todas as nações”.<sup>78</sup> A motivação de Israel não era uma subjugação política, mas obediência à missão que lhe havia sido confiada por Deus.

<sup>75</sup> FUTATO, *Interpretação dos Salmos*, p. 97.

<sup>76</sup> *Ibid.*, p. 98-99.

<sup>77</sup> PIPER, John. *Alegrem-se os povos: a supremacia de Deus em missões*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, p. 199.

<sup>78</sup> Wright apud MOSKALA, Jiri. The mission of God’s people in the Old Testament. *Journal of the Adventist Theological Society* 19/1-2, 2008, p. 42.

Há ainda salmos que expressam a consciência que o povo de Israel tinha de que a salvação do Senhor deveria ser anunciada às nações, como afirma o Salmo 96.3: “*Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos, as suas maravilhas*”. A glória e as maravilhas de Deus não deveriam permanecer apenas na memória da nação israelita e servir de instrumento para lhes fortalecer a fé no Deus todo-poderoso que cumpre promessas e cuida dos seus. O caráter divino e suas obras deveriam ser proclamados a todas as nações da terra. Para que fique ainda mais claro o significado imperativo desse anúncio, Kaiser Jr. explica:

A palavra hebraica para “proclamar” é no Antigo Testamento equivalente à palavra *euangelizomai* do Novo Testamento, “trazer boas notícias”, “anunciar boas novas” ou “anunciar o evangelho”. Como é comumente conhecido, o “anúncio das boas notícias” no Novo Testamento é aplicado à obra consumada de Cristo na cruz. E aqui ela é expressamente aplicada ao chamado para anunciar essas mesmas boas notícias sobre o Messias para as nações e povos do mundo. Certamente que isso tudo é missões.<sup>79</sup>

O versículo 10 do Salmo 96, afirma: “*Dizei entre as nações: Reina o SENHOR. Ele firmou o mundo para que não se abale e julga os povos com equidade*”. O verbo inicial é um imperativo para que se faça a realeza do Senhor conhecida entre os povos que a ignoram. O julgamento imparcial e reto que Deus realiza sobre os povos é de grande importância para o tema missionário dos salmos, como será visto na próxima seção.

Portanto, a função de mediador entre Deus e os povos é de fundamental importância na composição da identidade do povo israelita. Esse “sacerdócio real” de Israel deve ser visto como uma participação mais ativa. Mesmo reconhecendo o papel de mediador, alguns teólogos não têm dado a devida ênfase, conforme comenta Kaiser Jr.:

Mais recentemente, estudiosos, muito infelizmente, têm mudado e visto o papel de Israel em levar a mensagem da salvação aos gentios apenas pelo significado da mediação, mas não por um testemunho ativo. Isso faz de Israel uma testemunha meramente passiva.<sup>80</sup>

Pode-se afirmar que os vários salmos que expressam o desejo de que as nações louvem e reconheçam a realeza de Deus têm o seu fundamento na compreensão que Israel possuía de sua tarefa na aliança. Como “propriedade peculiar” e “reino de sacerdotes”, deveriam ver-se como os primeiros receptores da Lei do Senhor, acatar, andar e obedecer aos estatutos que ele ordenou e

<sup>79</sup> KAISER JR., *Mission in the Old Testament*, p. 34.

<sup>80</sup> *Ibid.*, p. 56.

usufruir do cuidado e das bênçãos advindas do Senhor. Mas cabia-lhes também a missão de serem preceptores dessa Lei, desejando ver a glória de Deus entre as nações, ansiosos por vê-las reconhecendo a majestade e o governo de Deus com louvores e ações de graças.

Van Groningen, ao tratar sobre o universalismo presente nos salmos, lembra que o mandato espiritual era para ser obedecido não apenas por Israel, mas por todos os povos, uma vez que “o mandato espiritual foi um aspecto integral da aliança criacional. Todas as pessoas estão debaixo dessa aliança. Portanto era e é obrigatório para todos conhecer, entender e obedecer a esse mandamento pactual”.<sup>81</sup> Israel possuía a revelação dessa exortação, sendo, por isso, devedor aos povos ao seu redor, que não receberam a mesma revelação em sua plenitude.

Portanto, o tom missionário dos salmos revela a teologia da aliança que os permeia. A seguir, o Salmo 67 será utilizado como demonstração de que seu tom missionário e de gratidão a Deus pelas bênçãos remonta claramente à aliança com Abraão, tanto quanto à aliança renovada agora com Israel como nação no Monte Sinai. O aspecto missionário presente no Salmo 67 não é acidental, mas proposital, advindo da mais nobre compreensão do privilégio e da responsabilidade do pacto.

### 3. A MEMÓRIA MISSIONÁRIA DO PACTO – ASPECTOS LITERÁRIOS E TEOLÓGICOS NO SALMO 67

Este pode ser considerado um dos salmos que mais destacam aspectos do pacto que Deus havia realizado com Abraão, sobretudo seu plano de abençoar todas as famílias da terra. Conforme descrito, a “aliança abraâmica” ganhou corpo com a sua renovação firmada entre Deus e a posteridade de Abraão quando esta se fez povo em Êxodo 19.5-6. Robertson, comentando sobre a aliança mosaica ao pé do Monte Sinai, ressaltou isto: “A aliança da lei representa avanço na nacionalização do povo da aliança. Até essa altura, o tratamento de Deus tinha sido com uma família. Agora, ele estabelece aliança com uma nação”.<sup>82</sup> Como nação, as bênçãos divinas deveriam lembrá-los da responsabilidade sacerdotal de abençoar as famílias da terra.

Kidner, em seu comentário sobre o Salmo 67, escreve: “Se houvesse um salmo escrito acerca das promessas feitas a Abraão, no sentido de que este seria abençoado e transformado em bênção para os outros, bem poderia ser como este”.<sup>83</sup> Esse salmo está presente na liturgia israelita para que o povo relembre os aspectos essenciais de sua constituição como povo escolhido.

<sup>81</sup> VAN GRONINGEN, *Criação e consumação*, vol. III, p. 199.

<sup>82</sup> ROBERTSON, *Cristo dos Pactos*, p. 168.

<sup>83</sup> KIDNER, Derek. *Salmos 1-72: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1992, p. 258.

### 3.1 Estrutura literária

Bosma e Talstra<sup>84</sup> demonstraram que esse salmo possui uma estrutura concêntrica que coloca em evidência o versículo 5, o qual, por sua vez, é “emoldurado” pelos versículos 4 e 6. Com tal arranjo, o compositor destacou que as nações tinham motivo de sobra para exultar e louvar a Deus, uma vez que ele é quem as está dirigindo em seus passos de maneira justa e reta.<sup>85</sup> Esses versículos formariam o *estribilho* que “provavelmente era cantado pela assembleia ou pelo coro”.<sup>86</sup> Se essas observações fazem sentido, então também faria sentido dizer que o ponto central da mensagem do salmo está no anseio, colocado diante de Deus, de que as nações da terra viessem a conhecê-lo e a louvá-lo. Eis a estrutura do salmo, segundo Bosma e Talstra:

*Superscrição*: Salmo 67.1: Ao mestre de canto. Para instrumentos de cordas. Salmo. Cântico.

- <sup>1</sup> Seja Deus gracioso para conosco,  
**A** e nos abençoe,  
e faça resplandecer sobre nós o rosto;  
<sup>2</sup> para que se conheça na terra (*'ərěš*) o teu caminho  
e, em todas as nações (*gôyim*), a tua salvação.
- B** <sup>3</sup> Louvem-te os povos (*'amîm*), ó Deus;  
louvem-te os povos (*'amîm*) todos
- C** <sup>4</sup> Alegrem-se e exultem as gentes (*le'ummîm*),  
pois julgas os povos (*'amîm*) com equidade  
e guias na terra (*'ərěš*) as nações (*le'ummîm*).
- B'** <sup>5</sup> Louvem-te os povos (*'amîm*), ó Deus;  
louvem-te os povos (*'amîm*) todos.
- <sup>6</sup> A terra (*'ərěš*) deu o seu fruto,  
**A'** e Deus, o nosso Deus, nos abençoa.  
<sup>7</sup> Abençoe-nos Deus,  
e todos os confins da terra (*'ərěš*) o temerão.

O salmo pode ser dividido em três partes: versículos 1-2, 3-5 e 6-7. Tanto a primeira quanto a última parte do salmo começam com a petição para que Deus abençoe seu povo. A súplica pelas bênçãos não pode ser menosprezada.

<sup>84</sup> BOSMA, Carl J.; TALSTRA, Eep. Psalm 67: Blessing, harvest and history. A proposal for exegetical methodology. *Calvin Theological Journal* 36, n. 2. Grand Rapids, 2001, p. 301.

<sup>85</sup> Ibid., p. 302.

<sup>86</sup> WAISER, Arthur. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 355.



Kaiser Jr. observa: “A estrutura é quase uma réplica exata de Gênesis 12.2-3 – Abençoe-nos... abençoe-nos... abençoe-nos... então as nações poderão vir a conhecer o Senhor”.<sup>87</sup> O objetivo disso é relacionar as bênçãos não só com o sinal de reconhecimento do cuidado de Deus sobre a nação, como também à lembrança do comissionamento de ser bênção para os povos da terra, uma das responsabilidades embutidas na aliança.

Ao montar a estrutura do Salmo 67, Bosma e Talstra também destacaram a palavra “terra”, que aparece 4 vezes e as 8 referências a nações, povos e gentes, pelo uso de 3 palavras hebraicas diferentes. Nisso também é perceptível que o autor do salmo deseja que o foco esteja sobre o universalismo, ou seja, que a salvação divina se faça conhecida em toda a terra, nos povos, gentes e nações. Tal salvação se tornará conhecida por intermédio do exercício do sacerdócio real de Israel.

### 3.2 Aspectos exegeticos

Quanto à categoria literária do salmo, Dorsey considera o Salmo 67 um hino de louvor. Isso porque acredita que no centro do salmo há uma oração para que todas as nações louvem a Deus. Dessa forma, o desejo do salmista por bênçãos sobre Israel teria como objetivo o louvor das nações.<sup>88</sup> Waiser o considera um “cântico de agradecimento a ser pronunciado pelo povo, peça de uma celebração litúrgica festiva”.<sup>89</sup> Da mesma forma, Anderson acredita ser um hino de gratidão.<sup>90</sup> Schökel e Carniti são da opinião de que a categoria desse salmo é “bênção em forma de petição”.<sup>91</sup> Entretanto, onde as expressões de louvor do salmo se encaixariam nessa forma?

Esses autores argumentam que a súplica pelas bênçãos de Deus expressa o reconhecimento do seu recebimento. Fica perceptível nessas abordagens que muitos elementos importantes do salmo ficam de lado. De acordo com Kraus, Gunkel classificou o salmo como “ação de graças efetuada pela comunidade”, mas acabou por fazer alguns arranjos para que se adaptasse a essa forma. Portanto, prefere optar por que o salmo não apresente uma forma definida, sendo um salmo singular.<sup>92</sup>

<sup>87</sup> KAISER JR., *Mission in the Old Testament*, p. 31.

<sup>88</sup> DORSEY, David A. *The literary structure of the Old Testament: a commentary on Genesis–Malachi*. Grand Rapids: Baker, 1999, p. 179-180.

<sup>89</sup> WAISER, *Os Salmos*, p. 354.

<sup>90</sup> ANDERSON, A. A. *The Book of Psalms*. Psalms 1-72. Vol. I. Grand Rapids: Eedermans, 1972, p. 479.

<sup>91</sup> SCHÖKEL, Luis Alonso; CARNITI, Cecilia. *Salmos I*. Traducción, introducciones y comentario. Estella: Editorial Verbo Divino, 1992, p. 864.

<sup>92</sup> KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos*. Salmos 60-150. Vol. II. Salamanca: Sigueme, 1995, p. 68.

O fato é que o salmo tem elementos de oração (fato comprovado pelos jussivos presentes<sup>93</sup> que expressam desejos e petições<sup>94</sup>), é comunitário (encontra-se na terceira pessoa do plural) e reconhece as bênçãos do Senhor sobre si (um tom de gratidão): “a terra deu o seu fruto” (v. 6). De fato, não é um salmo simples de categorizar. Entretanto, além de não prejudicar na interpretação correta desse belíssimo salmo, atesta sua particularidade com forte ênfase missionária.

Quanto à ocasião em que foi cantado, os comentaristas parecem concordar que “tenha sido composto para a festa de ação de graças pela colheita”.<sup>95</sup> Waiser argumenta que essas festas de colheita desempenhavam papel importante na vida religiosa israelita. Porém, destaca que o foco do Salmo 67 não era simplesmente um reconhecimento de bênçãos pela colheita, mas também atestava a presença de Deus na comunidade e se tornava garantia de salvação para todos os povos.<sup>96</sup> O objetivo não estava primariamente ligado ao bem-estar do homem, mas à manifestação da glória de Deus entre as nações.

Harman concorda com esse parecer de Waiser: “As bênçãos materiais e espirituais parecem enfeixar-se, pois a bênção de Israel está vinculada à ideia de que os confins da terra temerão o Senhor”.<sup>97</sup> O Salmo 67, portanto, não é primeiramente uma expressão de gratidão de alguém que está recebendo e sendo beneficiado por bênçãos materiais. O reconhecimento dos benefícios divinos manifestos no salmo é uma admissão de que “nada mais importa senão a necessidade que o homem tem do próprio Deus”.<sup>98</sup> Tanto o povo de Israel quanto os demais povos da terra deveriam reconhecer isso.

Kaiser adota a mesma divisão que foi proposta aqui para analisar o salmo, desmembrando-o em três momentos: versículos 1-3, 4-6 e 7-8. Sua marcação será utilizada para a exposição da mensagem do salmo, em que o salmista convida Israel e os crentes a experimentarem os propósitos divinos em abençoar todas as nações.<sup>99</sup>

<sup>93</sup> “O jussivo é usado para expressar vontade, desejo ou ordem de quem fala” (KELLEY, Page. *Hebraico bíblico: uma gramática introdutória*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 1998, p. 165). “O ‘imperativo da terceira pessoa’ é denominado jussivo. A forma do jussivo é idêntica à do imperfeito e, na maioria dos casos, só pode ser distinguida do imperfeito pelo contexto” (BARTELT, Andrew H. *Gramática do hebraico bíblico: fundamentos*. Canoas, RS: Ulbra, 2006, p. 121).

<sup>94</sup> Kraus parece concordar que interpretar os imperfeitos como jussivos faz com que o salmo adquira uma forma de “cântico de oração da comunidade” (*Los Salmos*, p. 69).

<sup>95</sup> WAISER, *Os Salmos*, p. 354.

<sup>96</sup> *Ibid.*, p. 354-355.

<sup>97</sup> HARMAN, *Salmos*, p. 255.

<sup>98</sup> KIDNER, *Salmos 1-72*, p. 258.

<sup>99</sup> KAISER JR., *Mission in the Old Testament*, p. 31-32.

### 3.2.1 O motivo de Deus abençoar a Israel está diretamente associado ao seu anseio por ser conhecido pelos demais povos da terra – Sl 67.1-2

O início do salmo é marcado por uma clara referência à bênção de Arão, com algumas modificações.

Salmo 67.1	Números 6.24-25
Seja Deus gracioso para conosco, e nos <i>abençoe</i> , e faça <i>resplandecer sobre nós o rosto</i>	<sup>24</sup> O SENHOR te <i>abençoe</i> e te guarde; <sup>25</sup> o SENHOR faça <i>resplandecer o rosto sobre ti</i> e tenha misericórdia de ti

A primeira modificação que salta aos olhos é que o salmista não utiliza o nome de *yhwh* (Javé) – em conformidade com o texto de Números – mas opta por *'elōhîm*. Essa mudança não parece ser acidental, uma vez que o nome *'elōhîm* (Deus) era preferido ao abordar o relacionamento do Senhor com povos, nações e com o restante da criação, ao passo que o nome Javé (Senhor) era utilizado pelo povo da aliança num contexto de relacionamento íntimo.<sup>100</sup>

A segunda modificação importante é a troca do sujeito da segunda pessoa do singular para a primeira do plural, destacando ainda mais o tom de súplica comunitária para que a bênção divina fosse ministrada a toda a nação. O versículo 2 realça o motivo por que essa bênção deveria ser graciosamente atendida por Deus: “para que se conheça na terra o teu caminho e, em todas as nações, a tua salvação”. Mesmo que o bom resultado da colheita fosse uma realidade (v. 6a), a petição não visa bênçãos para o salmista ou mesmo para Israel em si, mas para que isso sinalizasse a salvação de todos os povos. A “Bênção Araônica”, aplicada com essa modificação, explicita a consciência que o compositor do salmo possuía do texto de Gênesis 12.1-3, onde as bênçãos advindas do Senhor seriam dadas à descendência de Abraão com a finalidade de que todas as famílias da terra também se tornassem partícipes delas, conforme se vê no v. 7: “Abençoe-nos Deus, e todos os confins da terra o temerão”.<sup>101</sup> A moldura maior do salmo é o tema da “bênção”, sendo isso o que ressalta sua natureza missionária.

### 3.2.2 O motivo de Deus abençoar a Israel está diretamente associado ao seu anseio por ser reconhecido como guia e juiz de todas as nações – Salmo 67.3-5

Há um pequeno *inclusio* presente entre os versículos 4 e 6:

<sup>100</sup> Ibid., p. 31.

<sup>101</sup> BLAUW, *A natureza missionária da igreja*, p. 26.

**B** <sup>3</sup> Louvem-te os povos (*‘amîm*), ó Deus;  
louvem-te os povos (*‘amîm*) todos

**C** <sup>4</sup> Alegrem-se e exultem as gentes (*le’ummîm*),  
pois julgas os povos (*‘amîm*) com equidade  
e guias na terra (*’ěrěš*) as nações (*le’ummîm*).

**B’** <sup>5</sup> Louvem-te os povos (*‘amîm*), ó Deus;  
louvem-te os povos (*‘amîm*) todos.

É perceptível o uso desse recurso literário em muitos salmos, sendo o Salmo 8 um dos exemplos mais conhecidos. Sua finalidade é evidenciar a mensagem central que o autor deseja destacar. Trublet-Aletti explica a importância e finalidade dessa expressão poética:

Em tempos nos quais a pontuação, as margens e principalmente os parágrafos ainda não existiam, uma unidade semântica era assinalada muitas vezes pelo emprego das mesmas palavras no começo e no fim. Eis porque as inclusões merecem nossa atenção.<sup>102</sup>

Esse recurso chama a atenção de quem está recitando o salmo para o fato de que todo o mundo deve se prostrar em louvor e reconhecimento do verdadeiro Deus.<sup>103</sup> Todas as nações, povos e línguas devem confessá-lo como Senhor.<sup>104</sup> Como destacou Kaiser Jr.:

...o propósito do salmo é que Deus possa ser louvado e que essa doxologia precisa ser oferecida por todos os povos da terra. Doxologia não é um aspecto opcional da raça humana. Nem é requerida somente daqueles que conhecem esse Senhor ou que são crentes. Toda criatura no planeta terra, independente da sua preferência religiosa ou não, deve dar glória e louvar a esse Deus. Ele é Aquele que os fez e Aquele que um dia todos eles verão.<sup>105</sup>

A oração, que expressa o desejo de que todas as nações venham a louvá-lo, reflete a compreensão de que apenas o único Deus deve ser adorado pelas suas criaturas. Além dessa compreensão, Israel possui ainda o entendimento de que Deus é o juiz e o governante de todas as nações da terra, motivo pelo qual toda a terra deve se alegrar: Salmo 67.4: “Alegrem-se e exultem as gentes, pois *julgas* os povos com equidade e *guias* na terra as nações” [grifo meu].

<sup>102</sup> Trublet-Aletti *apud* MONLOUBOU, L. *et al.* *Os Salmos e outros escritos*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 35.

<sup>103</sup> HARMAN, *Salmos*, p. 255.

<sup>104</sup> KIDNER, *Salmos 1-72*, p. 259.

<sup>105</sup> KAISER JR., *Mission in the Old Testament*, p. 32.

Duas palavras merecem destaque no v. 4: “julgas” e “guias”. A primeira palavra fala de Deus como juiz (*sōpēt*) dos povos. Uma leitura superficial e desatenta poderia gerar uma impressão negativa de um juiz distante disposto apenas a condenar. No entanto, o salmista afirma que isso é motivo de alegria e não de tristeza para todos os povos: “A ação de julgar do Deus de Israel proporciona às nações ajuda salvífica em seus direitos, de maneira que em todos os confins da terra deve reinar a alegria e o júbilo”.<sup>106</sup> Faz parte do caráter de Deus, como supremo Rei, julgar de maneira correta. “Ele não é Juiz num sentido jurídico/condenatório (do termo), mas um governante real que governa justamente”.<sup>107</sup> As nações podem se alegrar porque seu governo é justo e conduz à salvação: “Julgamento de Deus é, nesse versículo, a ordem salvífica divina, sobre a qual o homem pode edificar e confiar”.<sup>108</sup>

A outra palavra chega a ser surpreendente. “Guias” (*naḥah*) demonstra que Deus não exerce apenas o papel de Rei de toda a terra como juiz, mas como pastor que conduz graciosamente as nações. O Soberano conduz toda a terra, acompanhado por uma “preocupação pastoral” que evidencia uma liderança terna e graciosa.<sup>109</sup> Esse termo era comumente aplicado à nação israelita como rebanho do Senhor, como se vê no Salmo 23.3, mas o Salmo 67 deixa explícito que seu pastoreio não está circunscrito ao território ou nação israelita, onde era adorado. Há razões maiores “por que ele precisa ser reconhecido como Senhor e salvador de todos os povos da terra”.<sup>110</sup>

Alguns comentaristas optam por ler essa declaração do versículo 5 como um anseio escatológico.<sup>111</sup> Entretanto, à luz de toda informação apresentada, fica claro que as palavras dirigidas a Deus pela congregação de Israel expressam o anseio de vê-lo adorado por todos os povos como um anelo presente. Esse pensamento reflete o entendimento pactual que possuíam de que as próprias bênçãos divinas sobre eles teriam como fim o reconhecimento do governo de Deus por parte de todas as nações.

### 3.2.3 O motivo de Deus abençoar a Israel está diretamente associado ao cuidado para com o seu escolhido – Salmo 67.6-8

“A terra (*’ēreṣ*) deu o seu fruto e Deus, o nosso Deus, nos abençoa” (Sl 67.6). A fertilidade da terra, motivo pelo qual esse salmo é comumente

<sup>106</sup> KRAUS, *Los Salmos*, p. 70.

<sup>107</sup> KAISER JR., *Mission in the Old Testament*, p. 32.

<sup>108</sup> WAISER, *Os Salmos*, p. 357.

<sup>109</sup> KIDNER, *Salmos 1-72*, p. 259.

<sup>110</sup> KAISER JR., *Mission in the Old Testament*, p. 32-33.

<sup>111</sup> TERRIEN, Samuel L. *The Psalms: strophic structure and theological commentary*. Grand Rapids: Eerdmans, 2003, p. 484.

associado à festa da colheita, reconhece que essa bênção era uma dádiva do Senhor. Era essa a bênção a que o salmista se referia no primeiro versículo quando evocou a Bênção Araônica: "...e nos abençoe". O fruto da terra atestava que eles haviam achado graça diante daquele que continuava fiel à sua aliança, conforme Levítico 26.3-4: "Se andardes nos meus estatutos, guardardes os meus mandamentos e os cumprirdes, então, *eu vos darei as vossas chuvas a seu tempo; e a terra dará a sua messe, e a árvore do campo, o seu fruto*". "Toda colheita é cumprimento da promessa divina".<sup>112</sup>

Entretanto a palavra "terra" (*'ēreš*) não é relacionada apenas ao solo da colheita, mas ao mundo onde vivem todos as nações, conforme o versículo 4c: "e guias na terra (*'ēreš*) as nações". Pode-se deduzir, portanto, que haja uma estreita conexão entre os termos no lugar em que estão colocados no salmo. A fertilidade da terra não é um fim em si e nem tem por finalidade apenas promover ação de graças por parte de Israel, como esclarece Waiser:

O salmo visualiza, pois, a ação de graças pela colheita de uma maneira que, para além do produto da terra, considera a bênção maior que Deus concede, levando a efeito e consumando sua obra salvífica. O que é passageiro torna-se promessa do que é eterno.<sup>113</sup>

A manifestação graciosa do poder de Deus concedendo uma boa colheita possui um foco bem definido, conforme expressa o versículo 7: "Abençoe-nos Deus, e todos os confins da terra o temerão". Não há um desejo egoísta de que Israel se torne um grande recipiente das bênçãos divinas. O salmista sabia que a nação israelita deveria ser o veículo por meio do qual as nações haveriam de temer o Senhor. O cuidado e a bondade de Deus sobre seu povo escolhido não demonstravam um favoritismo, mas uma lembrança (exortativa) para Israel da maior implicação disso: "todas as famílias da terra" (Gn 12.3) seriam abençoadas pelo reino de sacerdotes (Êx 19.6). Esse cuidado divino é um "caminho chave para levar todas as nações do planeta terra a serem nele".<sup>114</sup>

Dessa forma, o que é passageiro (o fruto da terra) mistura-se com o que é eterno (o temor do Senhor), como destacou Waiser na citação acima. Nesse mesmo tom, afirma Harman: "As bênçãos materiais e espirituais parecem enfeixar-se, pois a bênção de Israel está vinculada à ideia de que os confins da terra temerão o Senhor".<sup>115</sup>

<sup>112</sup> KRAUS, *Los Salmos*, p. 71.

<sup>113</sup> WAISER, *Os Salmos*, p. 357.

<sup>114</sup> KAISER JR., *Mission in the Old Testament*, p. 33.

<sup>115</sup> HARMAN, *Salmos*, p. 255.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo visou ampliar a discussão acerca da missiologia de Israel no Antigo Testamento. A partir das expressões “propriedade peculiar” e “reino de sacerdotes” presentes em Êxodo 19.5-6, entende-se que a tarefa concedida pelo Senhor Deus ao seu escolhido visava a que este estendesse a sua salvação a todas as famílias da terra. O “particularismo” nunca significou que Israel deveria se ver como um receptáculo privilegiado da revelação divina, mas como um canal de bênçãos para todos os povos. Como frisou Mascarenhas, “a vocação de Israel é para ser possessão estimada de Javé através da eleição e da aliança. Ao invés de desprezar o resto da humanidade, isto aponta a salvação para o mundo inteiro”.<sup>116</sup> No momento da constituição de Israel como nação ficou clara a ampliação da aliança que Deus havia feito com o patriarca Abraão – de que gozaria das benesses divinas para que nele (sua posteridade) fossem benditas todas as famílias da terra (Gn 12.1-3).

O teor missionário no livro dos Salmos torna-se importante porque reflete a teologia do pacto. Esses registros dos salmistas atestam o conhecimento que possuíam das obrigações, privilégios e responsabilidades diante de Deus e de todos os povos. Foi isso que os impulsionou a cantar: “Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos, as suas maravilhas. Porque grande é o SENHOR e mui digno de ser louvado, temível mais que todos os deuses” (Sl 96:3-4). Essas boas novas deveriam ser contadas a todos os povos. A glória do Senhor e suas maravilhas deveriam ocupar o pensamento das nações que andavam erradas seguindo deuses que nada mais eram do que enganação.

O Salmo 67 é relevante para a missiologia do Antigo Testamento. Isso porque agrega em si as petições de bênção para a nação israelita, como sinal de que Deus está com seu povo, e porque deixa claro que o motivo dessas petições é a missão do povo de Israel perante as nações. O reconhecimento da bênção material da colheita relembra o povo de uma das suas obrigações pactuais, levando-o a se voltar para Deus e ansiar por que todos os povos viessem a louvá-lo e reconhecê-lo como Rei e Juiz de toda a terra. A mensagem principal encontra-se no meio do salmo, entre os versículos 5 e 6. Entretanto, é toda a sua “moldura” que dá sentido a essa mensagem.

O desenvolvimento do tema de missões no Antigo Testamento também pode ser encontrado nos profetas, principalmente em Isaías. Nos textos de Isaías 42.1-4 e 49.1-6, conhecidos como primeiro e segundo “Cânticos do Servo”, percebe-se ser possível aplicar o personagem do Servo sofredor também ao povo de Israel. Tais textos são amplamente reconhecidos como missionários e igualmente muito citados no Novo Testamento. Tanto um quanto o outro trazem

---

<sup>116</sup> MASCARENHAS, Theodore. *The missionary function of Israel in Psalms 67, 96, and 117*. Lanhan: University Press of America, 2005, p. 69.



o elemento da “escolha/chamado” (particularismo) aliado à responsabilidade de ser luz às nações (universalismo). Além do mais, os textos proféticos são importantes porque assumem um caráter exortativo quanto à negligência de vida e missão que o povo estava vivendo. A presença da exortação sinaliza a existência de algo devidamente prescrito e que não estava sendo obedecido.

O que foi relatado acima e o que foi demonstrado neste artigo mostram que o Antigo Testamento possui um vasto campo a ser explorado em sua temática missionária. Em tempos nos quais a reflexão missiológica tem-se reduzido a discussões acerca de estratégias e práticas sobre evangelização e missões, deve-se tomar o devido cuidado para não se distanciar dos princípios teológicos expressos em toda a Escritura. Nesse sentido, o Antigo Testamento tem muito a colaborar, demonstrando caminhos sólidos a serem percorridos para o desenvolvimento de uma missiologia fundamentada e relevante para a igreja do Senhor.

### **ABSTRACT**

The theme of the mission of Israel in the Old Testament highlights Israel's conscience of the privileges and responsibilities resulting from both the covenant God made with Abraham in Genesis 12:1-3 and its unfolding and deepening at the time of Israel's formation as a nation in Exodus 19:4-6. The choice of Israel to be the subject of revelation of the Law and God's blessings had in view to make the lordship of Yahweh known among all peoples. With this in mind, this article first examines the principles contained in the Abrahamic and the Sinaitic covenant that lead to a missiology. Then, it demonstrates through the Psalms how these mission principles were part of the people's life. Finally, it uses Psalm 67 as an illustration of the covenant blessings that generated a missionary obligation of Israel to the nations.

### **KEYWORDS**

Old Testament; Missiology; Centrifugal mission; Centripetal mission; Particularism; Universalism.